

A SITUAÇÃO DO *BULLYING* NAS ESCOLAS PORTUGUESAS

Susana Fonseca Carvalho

Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa
CIS (Centro de Investigação e Intervenção Social)
susana.carvalhosa@iscte.pt

Carla Moleiro

Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa
CIS (Centro de Investigação e Intervenção Social)
carla.moleiro@iscte.pt

Célia Sales

Universidade Autónoma de Lisboa
CIP (Centro de Investigação em Psicologia)
celiasales@universidade-autonoma.pt

Resumo

O presente artigo apresenta uma revisão da literatura e dos dados oficiais referentes ao *bullying* em contexto escolar em Portugal. Pretendeu-se analisar este fenómeno de acordo com o Modelo da Pirâmide de Lavergne e Tourigny (2000), destacando as diferenças conceptuais e metodológicas entre as diversas formas de recolha de dados sobre as situações de *bullying*. A revisão encontrou estatísticas oficiais desde 2001, 16 artigos científicos, 3 livros académicos, 2 capítulos de livro, 6 trabalhos apresentados em eventos científicos, 3 relatórios publicados e 1 relatório não publicados. Os resultados suportam a aplicabilidade do modelo da pirâmide. São ainda discutidos os dados disponíveis sobre o *bullying* dirigido a crianças e jovens de grupos minoritários. Conclui-se com uma reflexão sobre possíveis implicações para a investigação e intervenção ao nível político, comunitário, escolar, familiar e individual.

Palavras-chave: *Bullying*; Contexto escolar.

Abstract

The present article presents a review of the literature and official data regarding bullying in the school context in Portugal. We aimed to analyse this phenomenon in light of the Piradime Model by Lavergne and Tourigny (2000), emphasizing the



conceptual and methodological differences among the studies in data collection on bullying situations. The review found official statistics since 2001, 16 scientific articles, 3 book manuals, 2 book chapters, 6 papers presented on conferences, 3 publish reports and 1 non-published report. The results support the applicability of the Pyramid Model. Available data on bullying directed toward minority children and youth are also discussed. Implications and reflections on future research and intervention (at political, community, school, family and individual levels) are suggested.

Keywords: Bullying; School context.

Introdução

A investigação nacional sobre a violência nas escolas tem sido realizada sistematicamente desde meados da década de 90, pelas autoridades oficiais e pela comunidade científica. No entanto, ainda hoje não existe consenso relacionado com os conceitos utilizados.

Violência nas escolas abrange uma ampla gama de comportamentos como agressão, *bullying*, intimidação, ameaça, ofensa à integridade, combate, roubo e vandalismo. Estas acções podem ocorrer dentro ou fora das escolas, e entre as diferentes díades (ou seja, aluno-aluno, professor-aluno, professor-aluno). Também pessoal escolar, ex-alunos e outras pessoas que não pertencem à escola podem ser envolvidos, quer como vítimas ou como agentes.

Geralmente considerada como violência no contexto escolar, um grande número de estudos teve como ponto de partida para análise a indisciplina (por exemplo, Amado & Freire, 2002), a agressão (Costa & Vale, 1998; Negreiros, 2003), e o *bullying* (Almeida, Pereira & Valente, 1995; Carvalhosa, Lima & Matos, 2001; Seixas, 2005). As estatísticas oficiais reportam comportamentos delinquentes (Programa Escola Segura, 2006). No presente trabalho, iremos centrar-nos apenas no *bullying*.

De acordo com a definição proposta por Dan Olweus, o *bullying* envolve intencionalidade do comportamento, a repetição ao longo do tempo e o abuso de poder entre os pares (alunos) (Olweus, 1993). As acções negativas podem ser verbais (por exemplo, chamar nomes), físicas (por exemplo, bater), ou sociais (por exemplo, excluir). Na língua portuguesa não existe uma palavra exacta equivalente a "*bullying*".

O termo utilizado é a palavra original em Inglês ou "provocação" ou "intimidação". Em conformidade com os padrões estabelecidos para classificar os diferentes actores envolvidos em situações de *bullying* (Solberg & Olweus, 2003), aqueles que relatam ser alvo ou agente de situações de *bullying* "2 ou 3 vezes por mês" ou com maior frequência, nos últimos dois meses, são considerados, respectivamente, vítimas ou *bullies*.

A investigação tem revelado que o *bullying* no contexto escolar constitui um problema com uma prevalência elevada, que compromete a aprendizagem e influencia o abandono escolar precoce, perturba as relações interpessoais e o desenvolvimento sócio-emocional das crianças e jovens, e reduz o clima de segurança e protecção sentido por todos nas escolas (Carvalhosa, Moleiro & Sales, 2009). De facto, a vitimização tem sido associada a pior desempenho escolar, durante o período em que a criança ou jovem é vitimizada, sendo mediada por sintomas de desconforto físico (ex. dores de estômago) e sofrimento psicológico (depressão, ansiedade) (Carvalhosa, 2009). Também os *bullies* têm revelado problemas escolares, acrescidos de maiores taxas de consumo de substâncias e de comportamento violento posterior (Carvalhosa, 2009). Os observadores do *bullying*, por sua vez, não se têm demonstrado isentos ao seu impacto. A investigação e a prática têm, deste modo, salientado a relevância deste fenómeno, pelo que é essencial conhecer a sua realidade em Portugal.

Este artigo pretende sistematizar o estado da arte (extensão, características e contextos) da pesquisa e das intervenções, a partir de diferentes fontes de informação, realizadas em Portugal, relativamente aos comportamentos de *bullying* em contexto escolar. Especificamente, visa-se: 1) conhecer a incidência, características e contextos em que ocorre o comportamento de *bullying*; e 2) identificar os principais limites metodológicos dos estudos sobre o *bullying*, de modo a sugerir procedimentos que contribuam para uma caracterização mais fiável deste fenómeno.

De modo a alcançar os objectivos deste trabalho e dada a diversidade das fontes que informam sobre este fenómeno no nosso país, optámos por sistematizar a informação, com base num modelo de pirâmide, adaptado de Lavergne e Tourigny (2000). Lavergne e Tourigny propõem que existem quatro fontes de dados que correspondem a quatro níveis de identificação de casos de maus-tratos de crianças, que se representam sob a forma de uma pirâmide (Lavergne & Tourigny, 2000). Neste trabalho, iremos fazer a proposta de utilização deste modelo, adaptando-o aos casos de *bullying* escolar. Assim, o primeiro nível representa o topo da pirâmide ou a ponta



do iceberg, e é onde se situam as estatísticas que se podem produzir com base nos números oficiais. Os casos conhecidos são as queixas recebidas, por exemplo, na polícia, através do Programa Escola Segura. Neste 1º nível, o fenómeno está claramente subavaliado. Este tipo de dados não podem, nem devem, ser usados para medir a extensão real do problema, mas são os que na realidade são usualmente utilizados e orientam de um modo enviesado as políticas na área. No segundo nível, situam-se os casos que são conhecidos pelos profissionais que trabalham em diferentes serviços ou instituições especializadas, por exemplo, nas escolas, nos serviços de saúde, nos serviços sociais, e que lidam directamente com as situações de *bullying*. Os casos encontrados neste nível têm demonstrado a existência de um maior número de situações quando comparados com as estatísticas oficiais. O terceiro nível corresponde ao número de situações de *bullying* conhecidas pelos membros da comunidade onde essas crianças ou jovens vivem. Estes casos ultrapassam também os que são conhecidos pelos profissionais de educação e/ou saúde, bem como os das estatísticas oficiais. Sugerimos, assim, que os resultados das pesquisas e dos estudos realizados neste nível sejam aqueles que mais se aproximam da realidade do fenómeno do *bullying*. O quarto e último nível corresponde às situações de *bullying* em contexto escolar que permanecem por identificar, isto é, que são conhecidos apenas pelo próprio.

A Figura 1 pretende ilustrar o modelo apresentado, adaptado para o *bullying* escolar em contexto português. São dados exemplos de dados e instituições para cada nível da pirâmide, não pretendendo ser exclusivos.

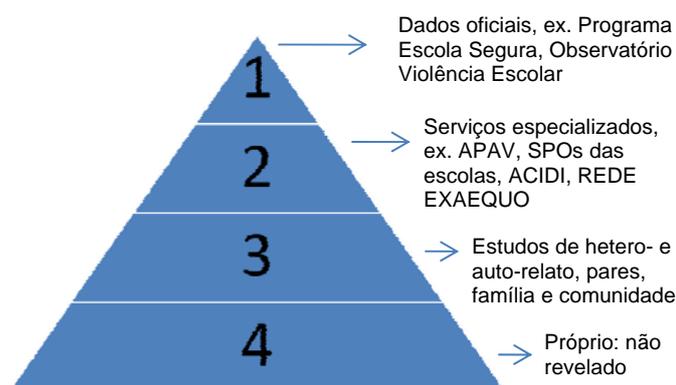


Figura 1 – Pirâmide para o *bullying* escolar

Metodologia

A recolha de dados para o presente trabalho seguiu quatro estratégias e envolveu a pesquisa de diversas bases de dados. A primeira estratégia foi a consulta de relatórios e estatísticas oficiais publicadas sobre violência escolar. A segunda envolveu o contacto com entidades oficiais e associações que detêm bases de dados sobre violência escolar. O contacto directo com profissionais e investigadores do meio, que facilitaram o acesso a publicações, constituiu a terceira estratégia. E a quarta prendeu-se com a pesquisa bibliográfica que incluiu livros e artigos científicos que apresentassem, no título ou no resumo, qualquer das palavras *bullying* ou *provocação*.

Foram analisados os seguintes materiais: estatísticas oficiais desde 2001, 16 artigos científicos publicados desde 1996, 3 livros académicos desde 1995, 2 capítulos de livro desde 1999, 6 trabalhos apresentados em eventos científicos, 3 relatórios publicados desde 2004 e 1 relatório não publicado fornecido pelo Grupo de Peritos contactados. Destes, apenas 2 estudos utilizaram uma amostra representativa da população Portuguesa.

Como critérios de inclusão, as publicações tinham que (1) centrar-se nos comportamentos *bullying*, de acordo com a definição de Olweus já apresentada; e (2) fornecer a informação necessária relativamente ao tipo de participantes, instrumentos utilizados e resultados encontrados.

Uma vez que os dados provêm de diferentes fontes, organizadas por distintas entidades, apresentamo-las sucintamente.

Correspondendo ao 1º nível de identificação, de acordo com o modelo da Pirâmide apresentado, existem duas estatísticas oficiais principais, recolhidas sistematicamente, que são realizadas com o objectivo de promover a segurança nas escolas. As fontes de informação disponíveis, a nível nacional, são o Programa Escola Segura e o Observatório de Segurança na Escola. Os dados recolhidos pelo Programa Escola Segura são baseados nas queixas efectuadas ou nos relatórios dos efectivos do Programa. Estes usam um questionário que deve ser preenchido pelos efectivos do Programa. Em relação ao Observatório de Segurança na Escola, os dados não são disponibilizados publicamente.

Para o 2º nível de identificação, os dados referem-se aos da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) que, a nível nacional, desenvolve como sua actividade principal o atendimento a vítimas. Foram ainda pesquisados os relatórios de



outras entidades, como o Observatório da Educação da Rede Ex Aequo e o ACIDI, com o objectivo de recolher dados específicos relativos ao bullying sobre jovens pertencentes a grupos minoritários.

De acordo com 3º nível de identificação, as características metodológicas dos estudos são sistematizadas no Quadro 1, onde um breve resumo de cada estudo é apresentado, focando alguns aspectos metodológicos e os principais resultados de cada investigação.

Os estudos desenvolvidos pela comunidade científica têm considerado duas abordagens metodológicas - quantitativa e qualitativa. Os questionários representam uma componente fundamental na metodologia da pesquisa do *bullying* nas escolas; são essenciais para disponibilizar dados sobre a prevalência, incidência e padrões do fenómeno. Adicionalmente aos questionários nacionais (Carvalhosa, 2008; Costa & Vale, 1998), existem uma série de estudos que, apesar de utilizarem uma dimensão menor, têm sido muito importantes para o desenvolvimento da pesquisa. É ainda importante considerar algumas outras questões, tais como o contexto do estudo (no âmbito de um questionário mais genérico ou específico para o tema), os métodos de amostragem, o tipo de participantes, bem como a forma como as definições do conceito de *bullying* foram operacionalizadas.

Resultados

Os resultados apresentados de seguida espelham o modelo da Pirâmide proposto para a identificação da situação existente em Portugal, em relação ao *bullying* entre pares em contexto escolar. Assim, em primeiro lugar serão revelados os dados do 1º nível de identificação, depois os do 2º nível de identificação e por fim, os do 3º nível de identificação. Neste 3º nível, para além dos estudos encontrados especificamente sobre o *bullying*, abordaremos também o *bullying* relativo a grupos minoritários.

Os relatórios públicos do Programa Escola Segura (1º nível de identificação) estão disponíveis desde 2001 até 2006. Estes dados descrevem as acções sobre os bens (roubo, vandalismo, fogo) e sobre as pessoas (ofensa corporal e sexual, assédio, violação, injúrias/ameaças, tráfico/consumo de drogas, ameaças de bomba, armas, acidentes de trânsito, outras acções), e são apresentados no Gráfico 1. É importante notar que o número de escolas envolvidas no Programa pode diferir ao longo dos anos. Portanto, uma interpretação sobre a evolução deve ser cautelosa. Verifica-se

que as acções sobre os bens têm mantido, ao longo dos anos, uma frequência absoluta superior às acções sobre as pessoas. Salientamos que, nos dados de 2006, foram registadas 15 ocorrências classificadas como assédio e 14 como injúrias/ameaças.

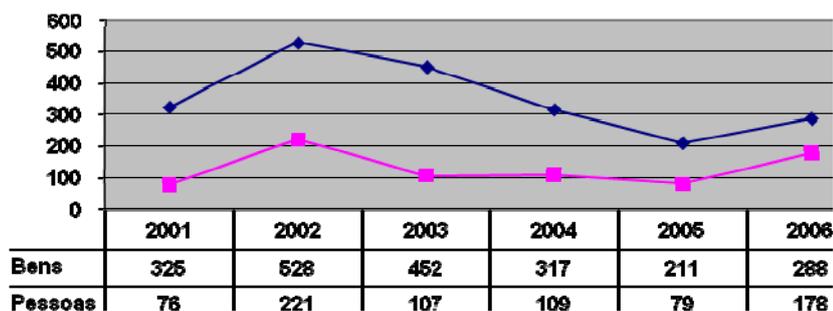


Gráfico 1 – Frequências absolutas de acções sobre os bens e as pessoas (fonte: Programa Escola Segura, 2006)

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou, em 2007, 39 denúncias de vitimização na escola (2º nível de identificação). Este número de denúncias corresponde a 57 crimes, ou seja, 47 crimes contra as pessoas e a humanidade, 17 crimes de violência doméstica (casos que ocorrem especificamente na escola), 5 crimes contra o património e 3 outros crimes (Sampaio, 2008).

Na investigação que corresponde ao 3º nível de identificação (ver Quadro 1), destacamos que no norte de Portugal, a prevalência de *bullying* em escolas públicas, nos distritos de Braga e Guimarães, foi avaliada (Almeida, 1999; Almeida, Pereira & Valente, 1995; Pereira, Almeida, Valente & Mendonça, 1996). Alunos do 1º ao 6º ano de escolaridade (n = 6.197) relataram que, no último período lectivo, 22% tinham sido vítimas de *bullying*, três ou mais vezes. No que diz respeito à idade, 20% (1º ao 4º ano) e 15% (5º ao 6º ano) tinha exercido *bullying* sobre outros, três ou mais vezes. O tipo de *bullying* mais frequente em escolas do 1º Ciclo foi o físico (por exemplo, bater) e em escolas do 2º Ciclo foi verbal (por exemplo, chamar nomes). Os rapazes estavam mais envolvidos do que as raparigas em situações de *bullying* e a frequência de *bullying* diminuiu com a idade. O *bullying* ocorreu principalmente em áreas de recreio (78%). Este estudo foi replicado, incluindo escolas da área de Lisboa (Pereira, Mendonça, Neto, Valente & Smith, 2004). Os estudantes do 5º e 6º ano de



escolaridade relataram que 20% tinham sido vítimas e 16% tinham sido *bullies*, três ou mais vezes no último período lectivo. Não foram encontradas diferenças na prevalência entre as escolas de Lisboa e de Braga. Quanto ao tipo de *bullying*, o mais comum era o verbal e ocorria principalmente nas áreas de recreio.

De acordo com os dados portugueses do HBSC (Currie et al., 2004, 2008), a prevalência de *bullying* (ser vítima e ser *bully*), pelo menos duas vezes nos últimos dois meses, é apresentada nas Tabelas e nas Figuras seguintes.

Being bullied	11		13		15	
	2002 (n=1174)	2006 (n=1201)	2002 (n=964)	2006 (n=1335)	2002 (n=802)	2006 (n=1383)
Girls	15%	15%	16%	13%	9%	10%
Boys	31%	17%	27%	19%	10%	13%
Total	46%	32%	43%	32%	19%	23%

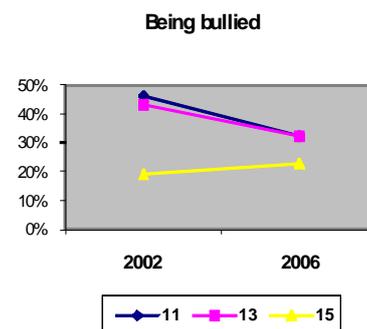


Tabela 1 & Figura 2- Prevalência de ser vítima de *bullying* (fonte: HBSC 2001/02 e 2005/06)

A prevalência de ser vítima de *bullying*, como se pode verificar, diminuiu com a idade, e os rapazes estavam mais envolvidos do que as raparigas.

Bullied others	11		13		15	
	2002 (n=1174)	2006 (n=1201)	2002 (n=964)	2006 (n=1335)	2002 (n=802)	2006 (n=1383)
Girls	8%	8%	8%	9%	6%	8%
Boys	15%	14%	17%	15%	11%	13%
Total	23%	22%	25%	24%	17%	21%

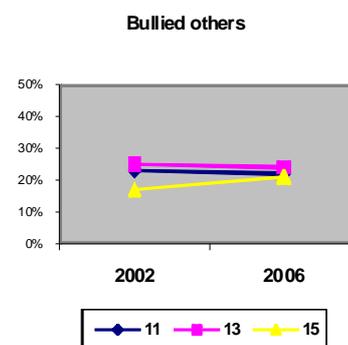


Tabela 2 & Figura 3- Prevalência de ser *bully* (fonte: HBSC 2001/02 e 2005/06)

Como demonstrado, a prevalência de ser *bully* aumentou dos 11 para os 13 anos de idade e depois diminuiu. Os rapazes também estavam mais envolvidos do que as raparigas. Com base nos dados disponíveis, pode-se estimar que cerca de 1 em cada 5 estudantes no ensino básico em Portugal estiveram envolvidos em situações de *bullying*.



Fonte	Participantes	Instrumentos	Análises/Resultados
Almeida, Caurcel & Machado (2006)	1237 adolescentes (11 aos 16 anos), Braga (Portugal e Granada (Espanha)	Avaliação pelos pares e SCAN-Bullying Quest	A vulnerabilidade percebida pelas vítimas acentua-se à medida que aumenta a idade e os rapazes comparados com as raparigas têm uma atitude mais crítica para com as vítimas. Os agressores descrevem as vítimas menos favoravelmente e com maior vulnerabilidade. Os bystanders ou outros que sejam vítimas têm uma percepção menos estereotipada e atribuem às vítimas mais atributos socialmente desejáveis.
Almeida et al. (2008)	Adolescentes portugueses, 7º ao 9º ano, duas cidades (Norte e Sul)	Questionário de auto-relato	Através do telefone, vítimas: 6% das raparigas e 3% dos rapazes, bullies: 3% e 5%, respectivamente. Através da Internet, vítimas: 6% das raparigas e 4% dos rapazes, bullies: 2% e 4%, respectivamente. Práticas de cyberbullying associadas ao uso comum das novas tecnologias
Almeida, Correia & Marinho (2010)	292 alunos do 6º ao 9º ano de escolaridade, escola de Braga	Questionário de auto-relato (Escala de Moral Disengagement, Empatia e BJW Pessoal; Crenças Normativas do grupo de pares e Atitudes)	Atitudes mais positivas sobre o papel de bully foram preditas por níveis elevados de moral disengagement, ao passo que atitudes mais positivas em relação ao papel de defensor da vítima foram preditos por níveis mais baixos de moral disengagement. A percepção das crenças normativas do grupo de pares também previu as atitudes dos participantes sobre o respectivo papel.
Almeida, del Barrio & Menesini (2001)	Crianças (9, 11, e 13 anos)	SCAN-Bullying (Scripted Cartoon Narratives on bullying)	Vantagens do SCAN-Bullying como uma metodologia para explorar a cognição nas relações de bullying.
Carvalhosa (2005a)	N=12.910, amostra nacional representativa de alunos (11 aos 15 anos)	Questionário de auto-relato (Olweus' Bully/Victim Questionnaire)	Tendência do bullying, uma vez por semana ou mais, desde 1998 a 2002: 5.8% a 11.7% para as vítimas e 2.6% a 6.3% para os bullies, rapazes mais envolvidos do que as raparigas, aumento desde os 11 até aos 13 anos e depois decresce.
Carvalhosa (2008)	125.732 alunos (11 aos 15 anos), amostras nacionais representativas de 29 países e regiões	Questionário de auto-relato	Estatística descritiva para Portugal, vítimas: 13%, rapazes, 11 e 13 anos, 6º e 8º ano de escolaridade, bullies: 5%, rapazes, 15 anos, 8º ano de escolaridade, bully-victims: 6%, rapazes, 11 e 13 anos, 6º e 8º ano de escolaridade. Regressão logística para Portugal, todos os grupos envolvidos em bullying, em comparação com aqueles que não estão



Fonte	Participantes	Instrumentos	Análises/Resultados
			envolvidos: queixas subjectivas de saúde, pior percepção da saúde e de satisfação com a vida, mais lesões, transporte de arma e lutas. Modelos de Equações Estruturais para Portugal, dentro da escola: vítimas e <i>bully</i> -vítimas - níveis mais baixos de suporte social dos seus colegas, <i>bullies</i> e <i>bully</i> -vítimas - níveis mais baixos de suporte social dos seus professores, fora da escola: vítimas - níveis mais baixos de suporte social dos amigos, <i>bullies</i> - baixos níveis de suporte social da família Regressão múltipla de dados internacionais: uma curva em forma de U relativa ao Produto Interno Bruto e ao número de quem exerceu <i>bullying</i> e de quem foi vítima, foi encontrada para todas as faixas etárias.
Carvalhosa, Lima & Matos (2001)	N=6903, amostra nacional representativa, alunos (11 aos 15 anos)	Questionário de auto-relato	Tipo mais frequente de <i>bullying</i> : verbal. <i>Bullies</i> : distantes da família e da escola, mais consumo de substâncias (álcool e drogas), mais queixas físicas e psicológicas e depressão. Vítimas: distância da escola, problemas com os pares, sintomas físicos e psicológicos e depressão. <i>Bully</i> -vítimas: distância da família e da escola, problemas com os pares, sintomas físicos e psicológicos e depressão.
Correia & Dalbert (2008)	187 alunos Portugueses, do 7º ao 9º ano de escolaridade	Questionário de auto-relato	Quanto mais forte era a crença pessoal no mundo justo, menor era a probabilidade de exercerem comportamentos de <i>bullying</i> . Essa associação mantinha-se quando era controlada a empatia emocional.
Correia, Kamble & Dalbert (2009)	465 alunos (amostra Portuguesa: 187 alunos entre os 12 e os 18 anos; amostra Indiana: 278 alunos entre os 14 e os 17 anos)	Questionário de auto-relato	Quanto mais forte a crença no mundo justo, menos se sentiram angustiados na escola, independentemente do seu comportamento de <i>bullying</i> , para ambos os sexos e em ambas as amostras. Contudo os rapazes, os <i>bullies</i> e os alunos Portugueses experienciaram maior angústia e os defensores experienciaram menor angústia na escola.
Currie et al. (2004, 2008)	Amostra nacional representativa, alunos (11	Questionário de auto-relato	Ser vítima em 2002 e 2006: 46% e 32%, respectivamente, com 11 anos; 43% e 32%, respectivamente, com 13 anos e 19% e



Fonte	Participantes	Instrumentos	Análises/Resultados
	aos 15 anos)		23%, respectivamente, com 15 anos. Exercer <i>bullying</i> nos outros em 2002 e 2006: 23% e 22%, respectivamente, com 11 anos, 25% e 24%, respectivamente, com 13 anos e 17% e 21%, respectivamente, com 15 anos.
Eslea et al. (2003)	48,000 crianças, dados de 9 países: China, Inglaterra, Irlanda, Itália, Japão, Portugal, e Espanha	Questionário traduzido do Olweus Bullying Questionnaire	Pequenos mas consistentes efeitos principais foram encontrados para o sexo e tipo de escola (rapazes e alunos do ensino primário gostavam mais dos recreios e tinham mais amigos, mas também tinham mais probabilidade de passar os recreios sozinhos). Efeitos maiores foram consistentemente encontrados para o status de <i>bully-vítima</i> (vítimas foram significativamente piores em todas as medidas e em todas as amostras, onde foi encontrada diferença, enquanto que os <i>bullies</i> e neutros não diferiram consistentemente), mas as interações entre estes factores variaram grandemente entre as amostras e havia poucos padrões consistentes.
Formosinho, Taborda & Fonseca (2008)	Distrito de Coimbra, n=400, alunos com a idade de 14/15 e 17/18, escolas públicas	Questionário de auto-relato	Estudo longitudinal: declínio de <i>bullying</i> no final da adolescência, rapazes com mais envolvimento do que as raparigas em ambos os momentos, aos 14/15 anos ameaças verbais, a agressão física apenas nos rapazes
Martins (2005)	572 alunos, 7º ao 9º e 11º ano de escolaridade, Alentejo	Questionário de auto-relato: exclusão social e violência na escola (adaptado de Diaz-Agudo et al., 2004)	Vítima: 63%, espalhar rumores. Agressor: 61%, espalhar rumores. Testemunha: 67%, espalhar rumores. Género, sucesso escolar e estatuto sócio-económico explorados.
Paiva et al. (2005)	128 crianças de escolas em Inglaterra e Portugal e 97 adultos (professores e especialistas)	Um episódio de <i>bullying</i> do software FearNot! e um questionário	Significativamente mais crianças (80%) manifestaram sentir pena dos personagens, em comparação com professores e especialistas (70%). A empatia afectiva só foi expressa para o Lucas (<i>bully</i>) e João (vítima) e não para a Martinha (narradora). Significativamente mais crianças (71%) manifestaram empatia cognitiva para com os personagens em comparação com os especialistas (47%) e professores (28%). Significativamente mais especialistas expressaram raiva contra o João (a vítima) em



Fonte	Participantes	Instrumentos	Análises/Resultados
			relação às crianças e aos professores e significativamente mais expressaram raiva contra Martinha, em comparação com os especialistas e as crianças. Surgiram diferenças de idade e de género, onde significativamente mais crianças do sexo feminino expressa raiva dos personagens comparados aos adultos. Esta raiva foi quase que exclusivamente dirigida ao Lucas (90%), o <i>bully</i> .
Pereira, Almeida, Valente & Mendonça (1996)	6197 alunos do 1º ao 6º ano de escolaridade, 18 escolas públicas, distrito de Braga	Questionário de auto-relato (adaptado do Olweus' Bully/Victim Questionnaire)	21.8% vítimas (3 ou mais no ultimo período lectivo), 17.4% <i>bullies</i> , 52.7% chamavam nomes, 78% no recreio.
Pereira, Mendonça, Neto, Valente & Smith (2004)	Escolas da área de Lisboa, alunos (n=4092, 5º ao 6º ano de escolaridade)	Questionário de auto-relato	20% tinham sido vítimas, 16% tinham sido <i>bullies</i> , três ou mais vezes no último período lectivo. Não foram encontradas diferenças na frequência entre as escolas de Lisboa e Braga. Tipo mais comum foi verbal e ocorreram principalmente em áreas de recreio.
Pereira & Pinto (1999)	140 alunos de um Escola Básica do 2º ciclo do concelho de Guimarães	Questionário de auto-relato (adaptado do Olweus' Bully/Victim Questionnaire)	Uma em cada 3 crianças foi vítima de várias práticas agressivas e as raparigas envolvem-se menos que os rapazes. As formas de vitimação mais frequentes são os insultos e levantar rumores e o local é o recreio. As crianças identificaram os agressores como os colegas da mesma sala e os mais velhos.
Seixas (2005)	7º ao 9º ano de escolaridade, 680 alunos, 11 escolas da área de Lisboa	Questionário de auto-relato (HBSC) e de nomeação de pares	Foram encontradas diferenças nos níveis de incidência consoante o instrumento (auto ou hetero-relato): 12% <i>bullies</i> (uma vez no último período lectivo) / 15% nomeados pelos pares; 30% vítimas / 15% nomeados pelos pares; 24% <i>bully-victims</i> / 6% nomeados pelos pares
Seixas (2008)	581 alunos do 3º ciclo, zona da grande Lisboa	Questionário de auto-relato (HBSC), de nomeação de colegas e sociométrico	Vítimas com níveis inferiores de saúde e bem-estar comparativamente com os agressores, vítimas agressivas com perfil de saúde misto (semelhanças com vítimas e agressores, dependendo dos domínios)

Quadro 1 – Sistematização dos estudos sobre *bullying* em contexto escolar

Os dados portugueses do HBSC foram re-analisados e a amostra foi dividida em quatro sub-grupos diferentes – os *bullies*, as vítimas, os *bully/vítimas* e os não-envolvidos em situações de *bullying*. Carvalhosa (Carvalhosa, 2005b) descreveu a tendência dos comportamentos de *bullying* e as diferenças entre sexo e idade nas escolas Portuguesas. A autora concluiu que a frequência de ser vítima e de ser *bully*, uma vez por semana ou mais, tem aumentado desde 1998 a 2002. Num outro estudo (Carvalhosa, 2008), verificou-se que 13% dos alunos foram vítimas, 5% foram *bullies* e 6% foram *bully/vítimas*. Ainda, queixas de saúde subjectivas, percepção de saúde, pior satisfação com a vida, mais ferimentos, transporte de arma e lutas estavam associados com todos os grupos envolvidos no *bullying*, em comparação com aqueles que não estão envolvidos. O *bullying* verbal foi o tipo de *bullying* mais frequente. Os *bullies* eram frequentemente caracterizados como distantes em relação à família e à escola, por mais consumo de substâncias como o álcool e droga, por mais queixas físicas e psicológicas e depressão. As vítimas frequentemente apresentavam distância em relação à escola, problemas no relacionamento com os pares, sintomas físicos e psicológicos e depressão. Os *bully/vítimas* relatavam, geralmente, distância em relação à família e à escola, problemas no relacionamento com os pares, sintomas físicos e psicológicos de saúde e depressão (Carvalhosa, Lima & Matos, 2001). Carvalhosa (2008) construiu um modelo para a relação entre o *bullying* e a percepção do suporte social, em amostras nacionais representativas de estudantes Austríacos, Lituanos, Noruegueses e Portugueses. Os resultados mostraram que, para Portugal e dentro da escola, em comparação com aqueles que não estão envolvidos em situações de *bullying*, as vítimas e os *bully/vítimas* relataram menores níveis de suporte social dos seus colegas, e os *bullies* e os *bully/vítimas* relataram menores níveis de suporte social dos seus professores. Fora da escola, as vítimas relataram menores níveis de suporte social dos amigos e os *bullies* relataram menores níveis de suporte social da família, do que os do grupo não-envolvidos. Também outros autores (Formosinho, Taborda & Fonseca, 2008) correlacionaram o envolvimento em situações de *bullying* com outras formas de comportamento anti-social.

Numa comparação entre as medidas utilizadas, questionário de auto-relato vs nomeação de pares, numa amostra de 680 alunos (com idades entre os 12 e os 17 anos) verificou-se que 12% dos jovens relataram que haviam sido *bullies* (uma vez no último período lectivo) vs. 15% nomeados pelos seus pares, 30% relataram que tinham sido vítimas vs. 15%, e 24% referiram que tinham sido *bully/vítimas* vs. 6% (Seixas, 2005). A autora concluiu que as medidas de auto-relato pareciam ser



melhores para identificar as vítimas e que a nomeação de pares parecia ser melhor para identificar os *bullies*.

Num estudo recente explorou-se o *cyberbullying* (Almeida et al., 2008). Utilizando o telefone, 6% das raparigas e 3% dos rapazes relataram estar envolvidos como vítimas, e 3% e 5%, respectivamente, como *bullies*. Através da internet, 6% das raparigas e 4% dos rapazes relataram estar envolvidos como vítimas, e 2% e 4%, respectivamente, como *bullies*.

Limites metodológicos dos estudos

Relativamente às grandes diferenças encontradas pelas diversas investigações (3º nível de identificação), verificaram-se consequências directas na avaliação da dimensão do fenómeno, em função da variabilidade das definições do conceito de *bullying* e a sua operacionalização, do tipo de participantes e dos instrumentos utilizados.

Em relação à definição do conceito de *bullying*, os diversos autores têm utilizado diferentes tipos de definições e têm operacionalizado este conceito também de modos diferentes. Por exemplo em relação ao tipo de comportamentos abrangidos, uns só se referem às acções físicas e outros referem-se ao conjunto das acções físicas, verbais e psicológicas, sendo poucos os que se referem às acções sexuais. Quanto ao número de intervenientes envolvidos, alguns autores não especificam que o *bullying* pode ocorrer individualmente ou em grupo. No que diz respeito à duração do comportamento ao longo do tempo, alguns estudos questionam sobre o último período escolar, outros sobre a totalidade da vida escolar.

No que diz respeito ao desenho metodológico das investigações, regista-se também grande diversidade, com predomínio de estudos transversais. Existem apenas alguns estudos longitudinais (Formosinho, Taborda & Fonseca, 2008; Pereira, 2008), de observação com gravação em vídeo (Marques & Neto, 2008), estudos de caso (Freire & Amado, 2008), com entrevistas semi-estruturadas (Sebastião, Alves & Campos, 2003) e grupos de discussão (Carvalhosa, 2007).

Relativamente aos instrumentos, os questionários de auto-relato preenchidos pelos alunos são o tipo de instrumento de recolha de dados mais utilizados, como por exemplo o questionário de *Bully/Victim* de Olweus. Alguns autores desenvolveram um questionário de auto-relato para abordar comportamentos agressivos entre pares (Freire, Veiga Simão & Ferreira, 2006). Também a nomeação pelos pares é

frequentemente utilizada (Seixas, 2005).

Podemos concluir que as metodologias utilizadas são em grande parte as das Ciências Sociais, em especial a Psicologia, as Ciências da Educação e a Sociologia. Esta abordagem está de acordo com a concepção de que do *bullying* nas escolas se explica ao nível do indivíduo e das suas relações interpessoais, e está relacionado com os contextos. A escola é, deste modo, moldada por condições sociais, políticas e económicas.

Bullying de crianças e jovens de grupos minoritários

Vários estudos têm sido realizados, a nível nacional e internacional, sobre as características das crianças e jovens vitimizados, no sentido de compreender os factores de risco para o *bullying*. Esta literatura tem identificado, entre outros factores, que as crianças e jovens de grupos minoritários são especialmente vulneráveis.

O *bullying* de crianças e jovens de grupos minoritários em Portugal tem sido pouco investigado. Referimo-nos a jovens de grupos minoritários quando designamos aqueles que se identificam com um grupo que não é o grupo maioritário no contexto onde se encontram. Essa identidade prende-se com a sua nacionalidade, etnia, género, idade, meio sócio-económico e educacional, orientação sexual, religião, língua, (in)capacidade, entre outros atributos. Nesta secção, destacamos a literatura sobre o *bullying* de crianças e jovens de minorias étnicas e imigrantes em Portugal; as crianças e jovens lésbicas, gays, bissexuais e transgénero (LGBT); e os estudantes com incapacidades ou portadores de deficiências.

As escolas Portuguesas têm testemunhado uma cada vez maior diversidade no que diz respeito à sua composição étnica. Vários estudos nacionais têm-se dedicado à promoção de práticas de educação intercultural. Numa revisão recente, para uma colaboração entre a Fundação Calouste Gulbenkian e o Alto Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural (ACIDI), Machado, Azevedo e Matias (2009) efectuaram uma revisão da literatura nacional sobre imigração e minorias étnicas (publicada e não-publicada, entre 2000 e 2008). Na área da “Escola, qualificações escolares e educação”, foram encontrados 71 estudos empíricos desenvolvidos. Estes referiam-se a desempenhos e percursos escolares de crianças e jovens de minorias étnicas e imigrantes; os seus processos de exclusão social, insucesso e abandono escolar; representações sociais das crianças, jovens, professores e pais sobre a escola; e políticas educativas e programas de promoção de educação intercultural.



Destes estudos, nenhum explorou o *bullying* no contexto escolar. A ausência de literatura específica sobre a vitimização de crianças e jovens de minorias étnicas prende-se, provavelmente, com a sua sobreposição com os conceitos de racismo e discriminação em contexto escolar. São exemplo os estudos conduzidos por Araújo (2007; “O silêncio do racismo em Portugal: o caso do abuso verbal racista na escola”) e por Marinho (2005; “Racismo Flagrante e Subtil: o Efeito de Variáveis Sócio-Cognitivas na Expressão do Racismo em Crianças Lusas de 9-10 Anos). Defendemos, porém, que para uma maior compreensão da realidade do *bullying* nas escolas portuguesas, as instituições e os investigadores que se dedicam ao trabalho nas escolas e a integração de crianças imigrantes procurem incluir o *bullying*, enquanto vitimização sistemática e intencional.

As minorias sexuais, por seu lado, também têm recebido maior visibilidade e atenção em Portugal nos últimos anos. As crianças e jovens LGBT não são excepção. Apesar de existirem poucos esforços para integrar a homofobia/transfobia e o *bullying*, alguns autores (Espelage & Swearer, 2008) têm salientado a sua importância, já que a agressão e vitimização por pares de crianças e jovens LGBT constitui uma realidade de consequências individuais e sociais significativas. Mais, a vitimização que resulta da homofobia também atinge jovens heterossexuais, principalmente aqueles que se apresentam de forma menos típica do ponto de vista de papéis de género, criando um ambiente escolar hostil para todos os estudantes, LGBT ou não. Diversos estudos (e.g. Rivers, 2004) têm documentado que existe uma elevada percentagem de adultos com stress pós-traumático e depressão que foram vítimas de *bullying* frequente e prolongado na escola devido à sua orientação sexual, real ou percebida. O reconhecimento das implicações para a saúde e bem-estar psicológico de crianças e jovens do *bullying* homofóbico/transfóbico conduziu, em Portugal, à criação do Observatório de Educação LGBT da rede ex aequo (Associação de Jovens LGBT e Simpatizantes). Este observatório desenvolveu dois relatórios, em 2006 e 2008, concluindo que “a escola ainda não é um espaço seguro para muitos jovens homossexuais, bissexuais e/ou transgéneros, ou percebidos como tal” (p. 4). Em 2008, 92 queixas foram apresentadas ao observatório, por jovens dos 15 aos 30 anos, mas também por professores, psicólogos, familiares, funcionários e amigos, embora em menor medida. Os jovens frequentavam o ensino do 7º ano ao ensino superior, e reportaram agressões verbais, físicas e psicológicas sistemáticas (45 queixas envolviam agressões mais de 5 vezes), vividas na primeira pessoa e/ou observadas, maioritariamente efectuadas por outros alunos e dentro da escola. Salienta-se que



menos de 8% dos casos foram acompanhados de queixa em 2008, e nenhum havia sido reportado em queixa oficial em 2006, reforçando a ideia de que este tipo de vitimização é ainda pouco conhecido e subestimado nas estatísticas oficiais.

Finalmente, consideramos importante referir que as crianças com necessidades especiais são particularmente vulneráveis ao *bullying*. Mais uma vez, por serem diferentes, as crianças com incapacidades cognitivas, dificuldades de aprendizagem, deficiências físicas, atrasos de desenvolvimento, e outras perturbações como a síndrome de Asperger e o autismo, são percebidas como alvos fáceis pelos *bullies*. As suas aptidões sociais não lhes permitem, muitas vezes, a avaliação adequada das situações, ficando vulneráveis a serem ridicularizadas pelos outros ou manipuladas para terem comportamentos que os humilhem numa esperança de serem aceites pelo seu grupo de pares (Harber & Glatzer, 2007). A atenção às necessidades específicas destas crianças e o desenvolvimento de programas de intervenção ajustados às suas características ainda nos parecem muito escassos na literatura, sendo que os estudos revistos na população portuguesa não fazem menção à percentagem de crianças com este tipo de problemas que foi vítima ou vítima/agressor.

Conclusão

Os resultados apresentados suportam a aplicabilidade do modelo da pirâmide, com os quatro diferentes níveis, à identificação das crianças e jovens envolvidos em situações de *bullying*. Isto porque à medida que os níveis vão aumentando, também o número de casos identificados vão aumentando. Assim, em Portugal, foram registados, em 2006, 29 casos (15 de assédio e 14 de injúrias/ameaças) pelo Programa Escola Segura, correspondendo ao 1º nível de identificação. Depois, a APAV, em 2007, e o Observatório de Educação LGBT, em 2008, registou 39 e 92 casos, respectivamente, correspondendo ao 2º nível de identificação. Os diferentes estudos, correspondendo ao 3º nível de identificação, apresentam uma frequência de envolvimento em situações de *bullying* que varia desde os 5% aos 32% da população escolar. Estima-se, deste modo, e de acordo com o modelo da pirâmide, que no 4º nível de identificação teremos um elevado número de crianças e jovens envolvidos em situações de *bullying* nas escolas do nosso país.

Destes resultados destaca-se que os factores susceptíveis de explicar a variação encontrada, na incidência dos comportamentos de *bullying*, prendem-se com os



diferentes níveis de fonte de informação dos dados, com a definição utilizada do conceito de *bullying*, com a faixa etária dos participantes, com os instrumentos utilizados e com o método de recolha de dados.

Todos os estudos realizados, abrangendo o problema do *bullying* em contexto escolar, são um meio indispensável para documentar não só a extensão do problema, mas também a natureza das diversas formas de *bullying*, as características das vítimas e do seu meio de vida, assim como dos *bullies* e dos restantes actores neste processo. Este conhecimento é essencial para o desenvolvimento de políticas e de apoios, para o desenvolvimento de programas de intervenção, de prevenção e de formação sobre o *bullying*, para o envolvimento de diversos sectores da comunidade e para o aumento de um clima positivo na escola que possibilite o bem-estar de todos.

No plano político, os dados sobre o *bullying* podem guiar as políticas tanto ao nível educação como da saúde, da solidariedade social e da justiça, assim como possibilitar a organização de serviços e a distribuição de recursos humanos e financeiros que melhor dêem resposta a esta problemática.

No plano comunitário, um maior conhecimento sobre as dinâmicas presentes nos comportamentos de *bullying* podem facilitar o estabelecimento de parcerias entre os diversos sectores de actividade, assim como promover a interacção entre professores, técnicos e profissionais especializados, pais e entidades da comunidade.

No plano escolar, os dados sobre o *bullying* podem ajudar a comunidade educativa a não negar que o problema existe e a desenvolver regras claras não tolerando o *bullying*, especificadas no Regulamento Interno, assim como promover programas de prevenção para toda a comunidade escolar e a desenvolver estratégias adequadas à situação existente no seu estabelecimento de ensino.

No plano familiar, a informação sobre os comportamentos de *bullying* podem sensibilizar os pais e os encarregados de educação para a importância de comportamentos afectuosos e de mútuo respeito com as crianças e a rejeição de todas as formas de violência, como também a de maior suporte e apoio aos seus filhos ou educandos.

No plano individual, um maior conhecimento sobre os comportamentos de *bullying* poderá ajudar os alunos a criarem um ambiente físico seguro e agradável na escola e possibilitará a todos nós ter consciência da necessidade de criar laços de afecto e respeito entre as pessoas, não tolerando a ocorrência de *bullying*, em nenhum



dos contextos que nos envolvem.

Com o presente trabalho procurou-se aplicar o modelo da pirâmide aos diferentes níveis de identificação dos comportamentos de *bullying* em contexto escolar e apresentar o conhecimento existente, em Portugal.

Referências Bibliográficas

- Almeida, A. (1999). Portugal. In P. K. Smith, Y. Morita, J. Junger-Tas, D. Olweus, R. Catalano & P. Slee (Eds.), *The nature of school bullying: a cross-national perspective*. London: Routledge.
- Almeida, A., Caurcel, M.-J. & Machado, J.-C. (2006). Perceived characteristics of victims according to their victimized and nonvictimized peers. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*, 4(2), 371-396.
- Almeida, A., Correia, I., Esteves, C., Gomes, S., Garcia, D. & Marinho, S. (2008). Espaços virtuais para maus tratos reais: as práticas de cyberbullying numa amostra de adolescentes portugueses. In R. Astor, E. Debarieux & C. Neto (Eds.), *4th World Conference on Violence in School and Public Policies* (pp. 134). Lisboa: Edições FMH.
- Almeida, A., Correia, I. & Marinho, S. (2010). Moral disengagement, normative beliefs of peer group, and attitudes regarding roles in bullying. *Journal of School Violence*, 9, 23-26.
- Almeida, A., del Barrio, C. & Menesini, E. (2001). Children's and adolescents' representations of peer bullying through SCAN-Bullying. *Aggressive Behavior*, 27, 250-251.
- Almeida, A., Pereira, B. & Valente, L. (1995). A violência infantil nos espaços escolares: dados preliminares de um estudo no 1º e 2º ciclos do ensino básico. In L. Almeida & I. Ribeiro (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*, 2 (pp. 225-262). Braga: APPORT.
- Amado, J., & Freire, I. (2002). *Indisciplina e violência na escola. Compreender para prevenir*. Porto: Edições ASA.
- Carvalhosa, S. F. (2005a). Bullying entre pares: Os comportamentos de provocação nas escolas portuguesas. *Iberpsicología*, 10(3), <http://fs-morente.filos.ucm.es/Publicaciones/Iberpsicologia/Iberpsicologia.htm>.
- Carvalhosa, S. F. (2005b). *Bullying in Portuguese schools: trend and variation across gender and age*. Paper presented at the 8th International Association for



Adolescent Health World Congress, Lisboa, Portugal.

- Carvalhosa, S. F. (2007). *Intervenção em contexto escolar*. Paper presented at the Conference "Bullying, Violência e Agressividade em Contexto Escolar", Lisboa, Portugal.
- Carvalhosa, S. F. (2008). *Prevention of bullying in schools: An ecological model*. Bergen: University of Bergen, Norway.
- Carvalhosa, S. F. (2009). Prevention of bullying in schools: An ecological model. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1(4), 129-134.
- Carvalhosa, S. F., Lima, L. & Matos, M. G. (2001). Bullying - A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica*, 4(XIX), 523-537.
- Carvalhosa, S. F., Moleiro, C. & Sales, C. (2009). Violence in Portuguese schools. *International Journal of Violence and School*, 9, 57-78.
- Correia, I. & Dalbert, C. (2008). Belief in a personal just world of bullies, victims, and defenders. *European Psychologist*, 13(4), 248-254.
- Correia, I., Kamble, S. V. & Dalbert, C. (2009). Belief in a just world and well-being of bullies, victims and defenders: a study with Portuguese and Indian students'. *Anxiety, Stress & Coping*, 22(5), 497 - 508.
- Costa, M. & Vale, D. (1998). *A violência nas escolas*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Currie, C. & et al. (Eds.). (2008). *Inequalities in young people's health: International report from the HBSC 2005/06 survey* (Vol. Health policy for children and adolescents Issue 5). Copenhagen: WHO Regional Office for Europe.
- Currie, C., Roberts, C., Morgan, A., Smith, R., Settertobulte, W., Samdal, O. et al. (Eds.). (2004). *Young people's health in context. Health Behaviour in School-aged Children (HBSC) study: international report from 2001/2002 survey*. Copenhagen: World Health Organization.
- Eslea, M., Menesini, E., Morita, Y., O'Moore, M., Mora-Merchan, J., Pereira, B. et al. (2003). Friendship and loneliness among bullies and victims: Data from seven countries. *Aggressive Behavior*, 30(1), 71-83.
- Espelage, D. L. & Swearer, S. M. (2008). Addressing research gaps in the intersection between homophobia and bullying. *School Psychology Review*, 37(2), 155-159.
- Formosinho, M., Taborda, M. C. & Fonseca, A. (2008). Bullying in adolescence: data from Portuguese school. In R. Astor, E. Debarbieux & C. Neto (Eds.), *4th World Conference on Violence in School and Public Policies* (pp. 33). Lisboa: Edições

FMH.

- Freire, I. & Amado, J. (2008). Gerir e lidar com a(s) indisciplinas(s) na escola. In R. Astor, E. Debarieux & C. Neto (Eds.), *4th World Conference on Violence in School and Public Policies* (pp. 93). Lisboa: Edições FMH.
- Freire, I., Veiga Simão, A. & Ferreira, A. (2006). O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico – um questionário aferido para a população escolar portuguesa. *Revista Portuguesa de Educação* 19(2), 157-183.
- Harber, J. & Glatzer, J. (2007). *Bullyproof your child for life*. New York, NY: Perigee Books.
- Lavergne, C. & Tourigny, M. (2000). Incidence de l'abus et la négligence envers les enfants: recension des écrits. *Criminologie*, 33(1), 47-72.
- Machado, F. L., Azevedo, J. & Matias, A. R. (2009). *Bibliografia e filmografia sobre imigração e minorias étnicas em Portugal (2000-2008)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Marques, A. & Neto, C. (2008). Children in risk: the special case of aggressive victims, who are they and are they just looking for trouble? In R. Astor, E. Debarieux & C. Neto (Eds.), *4th World Conference on Violence in School and Public Policies* (pp. 35). Lisboa: Edições FMH.
- Martins, M. J. (2005). Agressão e vitimação entre adolescentes, em contexto escolar: um estudo empírico. *Análise Psicológica*, 4(XXIII), 401-425.
- Negreiros, J. (2003). Relação entre comportamentos agressivos e outros comportamentos desviantes nos jovens: um estudo em meio escolar. In J. Correia & M. Matos (Eds.), *Violência e violências da e na escola* (pp. 73-81). Porto: Edições Afrontamento.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school*. Oxford e Cambridge: Blackwell.
- Paiva, A., Dias, J., Sobral, D., Aylett, R., Woods, S., Hall, L. & Zoll, C. (2005). Learning by feeling: evoking empathy with synthetic characters. *Applied Artificial Intelligence*, 19(3), 235-266.
- Pereira, B. (2008). *Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Ministério da Ciência e Tecnologia.
- Pereira, B., Almeida, A., Valente, L. & Mendonça, D. (1996). O "bullying" nas escolas portuguesas: análise de variáveis fundamentais para a identificação do problema. In L. Almeida, J. Silvério & S. Araújo (Eds.), *Actas do II Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia* (Vol. I, pp. 71-81). Braga: Universidade do Minho.



- Pereira, B., Mendonça, D., Neto, C., Valente, L. & Smith, P. (2004). Bullying in Portuguese schools. *School Psychology International*, 25(2), 241-254.
- Pereira, B. & Pinto, A. (1999). Dinamizar a escola para prevenir a violência entre pares. *Sonhar*, VI(1), 19-33.
- Programa Escola Segura. (2006). *Relatório de Actividades do Programa "Escola Segura" - Ano Lectivo 2005/2006*. Lisboa: Ministério da Administração Interna.
- Rede Ex aequo – Associação de Jovens Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgéneros e simpatizantes (2008). *Relatório sobre homofobia e transfobia: Observatório de Educação LGBT*. Lisboa: Relatório não publicado.
- Rivers, I. (2004). Recollections of bullying at school and their long-term implications for lesbians, gay men, and bisexuals. *Crisis*, 25(4), 169–175.
- Sampaio, H. (2008). *Vitimação escolar*. Manuscrito não publicado. Lisboa: APAV.
- Sebastião, J., Alves, M. & Campos, J. (2003). Violência na escola: das políticas aos quotidianos. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 41, 37-62.
- Seixas, S. (2005). Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. *Análise Psicológica*, 2(XXIII), 97-110.
- Seixas, S. (2008). Repercussões dos comportamentos de bullying para a saúde e bem-estar das crianças. In *Actas do I Congresso Internacional em Estudos da Criança - Infâncias Possíveis, Mundos Reais*. Braga: Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.
- Solberg, M. & Olweus, D. (2003). Prevalence estimation of school bullying with the Olweus Bully/Victim Questionnaire. *Aggressive Behavior*, 29(3), 239-268.